



A assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs. com estampilha..... 600 rs. Fóra do reino accresce o porte do correio. Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração Rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs a linha. Anuncios e comunicados, a 50 rs. linha. Repetições 25 rs linha. Anuncios permanentes 5 » Folha avulso..... 40 reis

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Séde da imprensa Rua da Fabrica, n.º 11—Porto

MAIS SACRIFICIOS

Vem os jornaes, que mais de perto privam com o governo, insinuando a ideia de que novas eras de sacrificios estão reservadas para todos.

Por mais esforços que o governo faça, não lhe é ainda possível equilibrar o orçamento. Ha um largo sorvedouro por onde se escoam todos os rendimentos do paiz. Reduzem as despezas, reduzem-se os ordenados, e fica sempre muito para reduzir. Bramos os empregados publicos e nos seus bramidos descobrem-se nichos, que para quasi toda a gente eram um mysterio.

Não admira. Durante um largo periodo de corrupção eleitoral, de espantoso deboche politico, inventaram-se toda a casta de sinecuras. Rodrigo da Fonseca começou a comprar os deputados, os outros seguiram-no a comprar os influentes; e, como isto já não bastasse para mercendejar as consciencias veio o fomento material, a faina dos melhoramentos, mais nichos e por ultimo os syndicatos.

O fim corôa a obra. Presa dos especuladores, o thesouro, regado quasi todos os annos com libras sterlinas compradas na Inglaterra com onus pesadissimos, nunca se encheu. Uma situação politica passava-o para a outros sempre vasio.

Uma voracidade assim havia fatalmente de dar o resultado que todos estamos presenciando.

Mas só agora se conhece atq ao cimo o abysmo que as situações francamente partidarias cavaram, porque tambem só agora procuram todos empregar os ultimos esforços para cooperar n'uma redempção social.

Venham pois os sacrificios, se é que elles são absolutamente necessarios para a salvação publica.

Mas primeiro, antes de tudo prove o governo ao paiz que já não pôde reduzir mais as despezas publicas: que não pôde acabar com mais nichos.

O povo não quer tolerar os escandalos, porque não ha-de estar a despír a ultima camiza, emquanto os magnates andarem por Lisboa e pelas secretarias, com as mãos nos bolsos, disfructando gordos ordenados: não hade estar a despír a ultima camiza, emquanto os syndicatos delapidarem por industriosas manhas o dinheiro do thesouro.

O governo tem-nos mostrado a sua boa vontade em cumprir com o programma, que apresentou ao tomar as responsabilidades do poder; pois agora, que quer pedir ao povo mais sacrificios deve provar, que realisou integralmente as suas promessas. Só assim creará força moral bastante para bater o antipathico da medida e as especulações, que com

ella os partidos politicos hão-do fazer.

Seguindo esta ordem de ideias entendemos que não foi muito de boa politica a viagem real a Coimbra, como não será a projectada viagem real ao Algarve.

E' n'estas festas que o povo vê gastar dinheiro a rodo; e nem se dá ao trabalho de perguntar d'onde esse dinheiro vem, porque entende para si que é só o governo quem o fornece. Bem ou mal é esta a idéa que corre e assim se fórma a opinião publica.

Pôde haver conveniencia para a realza em se approximar do povo, chamol-o ao seu credo, atrazar por isso alguns annos a evolução democratica que se está operando visivelmente. Mas os interesses da realza não são propriamente os interesses do paiz.

E nas circunstancias afflictivas, por que vamos passando não deve o thesouro fazer ao rei o sacrificio d'algumas dezenas de contos.

Como se ha-de pedir ao povo novos sacrificios tributarios, estando elle a presenciar festejos importantes, que crê serem pagos do seu bolso?

Não é isto de boa politica, não está isto d'accordo com o systema na redução das despezas.

Não é licito que uns folguem, enquanto outros choram, quando a vida d'uns e dos outros está intimamente ligada. Se estamos em epocha de sacrificio, sacrificuemo-nos todos em prol da patria, que bem nos merece: corramos com o nosso obulo, cada um nas medidas das suas forças, para que a crise se desfaga; mas que esse obulo arrancado ao trabalho de todos os dias se não vá evaporar em festas e foguetes, em viverios e passeiadas.

POLITICA CONCELHIA

De que partido somos? Debaxo de que bandeira luctamos?

São estas as duas principaes insinuações que nos vibra o sr. Aralla na sua ultima carta; e é baseado n'ellas que o grupo aralista inventa a todos os momentos as columnas em que pretende ferir-nos.

Em vez de responder directamente a ellas podiamos tambem nós perguntar ao sr. Aralla:—de que partido é? debaixo de que bandeira se apresenta?

E' por enquanto cedo de mais para tudo isto. E' cedo demais para elucidar um outro boato que faz correr desvirtuado—que nos queremos entregar ao seu grupo.

Na campanha jornalística, que empreendemos, temos de seguir uma certa ordem para o povo conhecer o nosso procedimento, que os aralistas procuram malsinar com falsos alardes.

Responder-lhes-hemos com factos. Mas, como Roma não se fez n'um só dia, temos de ir aos poucos.

Não vale a pena contar como o sr. Aralla, depois das correrias progressistas de 1887 e seguintes, se fechou em casa; e, abandonando por completo o seu partido, trouxe a este o desanimo, a ponto de não poder em opposição empregar uma lucta seria. E comtudo o partido dispunha de elementos importantissimos, de homens dedicados e andazes bastante para resistir ás violencias das auctoridades.

Precisava-se apenas d'um commandante viril e sufficientemente altruista para arrostar com a responsabilidade dos committimentos.

Era o caso bem accentuado de—“um fraco rei faz fraca a forte gente.”

O sr. Aralla, que não era capaz de vir para a rua collocar-se á frente dos seus partidarios, impedia com um ciúme desgraçadissimo e com um amor proprio injustificavel que qualquer outro tomasse sobre seus hombros a carga e a direcção.

D'ahi umas luctas, uns zelos constantes contra os homens mais salientes do partido, luctas e zelos originados principalmente em intrigas mulheris.

Em virtude d'isto alguns homens do partido, vendo o desanimo nas fileiras que podia arrastar ao completo esphacelamento, cuidaram em crear um centro regenerador, afim ou de submeter o sr. Aralla a ouvir a opinião dos influentes na direcção do partido, ou a prescindir d'elle caso se revoltasse.

Entre elles figuravam os srs. dr. Antonio dos Santos Sobreira, Eduardo Elysis Ferraz d'Abreu, dr. Eduardo Augusto Chaves, dr. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente, dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro, Francisco Peixoto Pinto Ferreira, e seguia-os, sem que tomasse qualquer interferencia nas resoluções, o dr. Francisco Fragateiro de Pinho Branco.

Esta posição secundaria que tomava o dr. Francisco Fragateiro provinha de a esse tempo de estar de relações cortadas com o dr. Aralla e não querer que a este movimento politico, perfectamente justo e sensato, se desse o caracter de vindieta pessoal.

Feliz ou infelizmente deu-se então a queda do ministerio progressista e seguiram-se as manifestações populares, que, em virtude da provocação e ataque dos progressistas, tiveram as lamentaveis consequencias que todos conhecem de sobra.

Alguns dos nossos amigos ficaram feridos e outros presos. Para uns e para outros se procu-

ravam forjar na administração do concelho processos crimes, que arrastariam a pronuncia sem fiança a muitos innocentes.

E' facil de imaginar o desasocego e inquietação que lavrava no partido. Pois a esse tempo andava o sr. Aralla a passear no Porto, esfregando as mãos de contente porque se attribuiram ao dr. Fragateiro as violencias de Ovar e pensava em que com taes boatos arrazaria a sua reputação.

Dizia Espronceda—*es el hombre un misterio*; pois o sr. Aralla não é um mysterio, concretisa em si dois: antepõe o seu orgulho o seu amor proprio ao interesse d'um partido inteiro.

E' necessario estudar bem ao vivo, em todos os seus cambientes este espirito para facilmente o comprehender.

Quando os processos se forjavam na administração do concelho e os regeneradores viram o perigo imminente, em que estavam os seus correligionarios, reuniram-se alguns d'elles na phar-macia do sr. Isaac Silveira e resolveram enviar ao Porto, ao sr. Aralla, uma commissão para, nos termos mais precisos, lhe dizer que *ou vinha para esta villa collocar-se á frente do partido e arrostar com tudo, ou se elegeria um centro sem a sua coadjuvação, para se entender directamente com o ministerio e pedir-lhe a substituição da auctoridade administrativa.*

Essa commissão ficou composta dos srs. dr. Antonio dos Santos Sobreira, dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro e Antonio José Pereira Zagallo. O dr. Sobreira instou depois para que d'essa commissão fizesse parte o dr. Francisco Fragateiro, e como este se recusasse a tal incumbencia, o dr. Sobreira declarou que não iria ao Porto se elle o não acompanhasse.

Como parenthesis, aqui deixamos estampado, que n'essa reunião deu-se um facto, que por completo transtornou a cabeça de um bonfrapaz. Foi o caso de que, vendo-se os circumstantes embaraçados na escolha da pessoa, que devia ser indicada para administrador do concelho, o sr. Eduardo Ferraz propoz que o novo administrador fosse o sr. Isaac Silveira. Desde esse momento nunca mais o sr. Silveira perdeu o sestro de desempenhar um alto logar na politica concelhia, e por isso o vemos todos os dias andar por ahi n'uma faina terrivel propalando os mais terriveis boatos.

A commissão encontrou o sr. Aralla n'esse mesmo dia, porém o sr. dr. Sobreira como presidente expoz o motivo que ali os levava d'um modo tão doble que o sr. Aralla viu-se lisongeadado, inspirava a cada momento. Então o dr. Fragateiro tomou a palavra e nos termos mais concisos e eatheticos expoz o seu fim.

O sr. Aralla barafustou logo, berrou, disse coisas do arco da velha. Que não admittia centros, nem audiencias de ninguem: que ou obediencia absoluta ou nada.

Mas no fim, depois d'uma estopada de 5 ou 6 horas ficou estipulado que, apenas o governador civil José Novaes tomasse posse, viria entender-se com a commissão antes de fallar com o governador civil, e todos combiniariam de commum accordo quem havia de ser o administrador nomeado.

Porém, dois dias depois, vem o novo governador civil tomar posse e o sr. Aralla sem que desse parte a alguém a não ser ao seu amigo Barbosa vae para Aveiro e procura nomear administrador para o concelho sem ouvir qualquer d'aquelles cavalheiros.

Havia faltado com o maior desembaraço á combinação da vesporal!

Que nome merece este homem?

Parámos aqui porque o final ainda vem muito longe.

Tres dos homens que assistiram a toda essa laboração politica conservam-se no seu posto: os outros... nem mesmo nós sabemos onde elles estão.

Talvez estejam, sem ninguem saber nem dar por isso, a apoiar a politica pessoal que desabridamente condemnavam e contra a qual se queriam constituir em directores d'um centro!

Mas elles que nos arguem de querer empolgar a posição do sr. Aralla, que nós digam quem foi que levantou a ideia do centro—elles ou nós?

Quem era que mais acerbamente batia a politica do sr. Aralla—elles ou nós?

Quem era pois que queria empolgar a direcção politica do partido—elles ou nós?

O dr. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente, Francisco Peixoto Pinto Ferreira e o dr. Francisco Fragateiro não seguiam apenas as deliberações tomadas? Quando foi que qualquer d'elles fez uma unica proposta?

Vamos, senhores, é preciso que se justifiquem ou que acabem com os ditos a nosso respeito.

Não os criticamos pelo acto alevantado que queriam praticar e que só redundaria em beneficios para o partido em que se achavam filiados: criticamol-os apenas porque, repudiando a sua propria ideia, querem lançar, desvirtuando-a, uma responsabilidade que nos não toca.

Quem causou a dissidencia não fomos nós—foi a pessima politica do sr. Aralla: foi a deliberação tomada no centro-embryão: foi aquella e outras faltas do sr. Aralla em cumprir a sua palavra.

Elle aceitava as combinações para breve as annullar quando lhe sopravam ventos favoraveis. Fez isso no Porto e os da

comissão, á excepção de dois, estão seus louvaminheiros: fez isso a uma comissão de lavradores de Vallega e elles viraram-lhe as costas. Entre os *casacas* e os lavradores ha bem grande differença: — emquanto uns são eternos *pretendentes*, os outros pretendem apenas uma boa colheita nas suas terras.

Sindicatos e violencias

Não nos consta que o sr. Aralla tenha ainda publicado epistola n'esta semana e por isso nos referimos a antiga, aquella em que nos accusa de syndicateiros e fautores de violencias eleitoraes.

Como lhe demos um prazo para nos dizer qual foi o syndicato ou syndicanos quer em negocios publicos quer em particulares, a que esteja adstricto o nome do nosso grupo ou de qualquer dos seus influentes, esperamos ainda algum tempo.

O sr. Aralla ameaça-nos que tem na sua carteira apontamentos. Pois venham elles todos de uma vez. Quem não deve não teme.

Por cá estão as consciencias limpas.

Por cá nem ha syndicanos de canalisações, nem de expropriações, nem de varias contas. Vamos governando as nossas casas com o producto do nosso insano trabalho, e conquistando os eleitores com os favores que lhes dispensamos.

Portanto venham de lá as accusações, mas precisas e cathgoricas, quando não fazemol-as nós — de reus passamos a authores.

*

Ora vamos lá ás violencias. Somos accusados pelo sr. Aralla unicamente de fazer *rondas*.

Ora sem essas rondas os crimes não acabavam e o sr. Aralla nunca seria deputado. As rondas eram o que já da outra vez dissemos.

Mas se o sr. Aralla condemna essas rondas, condemna tambem o sr. administrador do concelho, *persona grata*, que tambem fez ronda ou ronda, e se as não faz agora é porque não tem gente para isso. Oh! se o sr. Aralla tivesse de tal gente da ronda (a que agora chamamos monos) então o caso mudava de figura — o sr. Aralla não faria uma, faria duas por dia.

Mas deixemos as rondas que tanto pesadello fazem ao sr. Aralla e vamos para as violencias eleitoraes.

Perguntamos — quando foi que o sr. Aralla fez uma só eleição livremente, desde que apparecesse opposição a disputar-lhe votos?

Nem uma só.

O sr. Aralla entrou pelas arruças da Estremada quando João de Castro quiz cortar a matta aos talhões e assistia á venda o nosso amigo sr. Antonio d'Oliveira Martins.

Tempos depois quando o nosso circulo estava junto com o de Estarreja, os seus caceteiros fizeram a jornada da eleição nas regiões em que foi espancado gravemente o regedor de Vallega

Manoel de Dentro e o regedor de Ovar Theothonio.

Mais tarde, sendo opposição ao ministerio historico, quando se procedia á primeira reforma das matrizes, o seu partido que queria derrubar o ministerio fomentavam a desordem no paiz, e os agentes do sr. Aralla vão para Arada levantar o povo. O povo veio sobre a tropa e esta descarregando as armas deu a morte a tres pessoas, ferindo outras.

Quer mais sangue, sr. Aralla? De todas as tres vezes o sr. Aralla esteve fechado em casa ou na d'algum amigo a ver os *touros de palanque*.

A seguir vieram as eleições em que se propoz por este circulo e o de Estarreja o dr. João Carlos d'Assis, e então os caceteiros, fazendo tocar uma bosina por João Caroco para alarmar o povo, impediram a opposição de se acercar das urnas, chegando até a espancar José de Mattos que ia a entrar na assembleia da casa da camara acompanhado por José Fragateiro de Pinho Branco e João Lopes d'Oliveira Ramos.

Logo depois sendo opposição e administrador do concelho o dr. João Manoel Fragateiro, o sr. Aralla desistiu da eleição, mas como queria que não apparecesse um unico voto nas urnas procurava impedir por todas as formas a eleição; até que o muito digno, illustrado, integro e então juiz dr. Garcia de Lima convidou o povo a acompanhá-lo á administração do concelho para ali se fazer a assembleia eleitoral. Mesmo então o illustrado juiz dirigindo-se a uns caceteiros que andavam a ameaçar o povo e declarou-lhes que os mandaria prender se continuassem. Só então o sr. Aralla desanimou e a eleição correu regularmente.

Seguiu-se a eleição de 1880, que é bem conhecida. Na noite do primeiro dia d'eleição quiz o sr. Aralla fazer das suas. Chegavam os seus caceteiros a dirigir taes ameaças aos seus adversarios que estes se viram obrigados a chamar em seu auxilio a força militar. Ora o sr. Aralla n'essa eleição não se tinha limitado a pôr em ar de guerra a sua gente: havia recrutado outra de fóra do circulo.

A eleição posterior 1882 foi fertil em ameaças e tanto que os seus adversarios, que votavam nos deputados d'accumulação, tiveram de abandonar as assembleias da villa e ir só para as de Vallega e Esmoriz, onde o povo d'um e d'outro partido nunca tolerou violencias. Porém no segundo dia da eleição foi um grupo de caceteiros do sr. Aralla para Vallega onde se estava procedendo ao eserutinio e porque ali se encontrou só Francisco Fragateiro, então estudante, elles ameaçaram-o de o espancar se se não retirasse. Felizmente appareceram alguns amigos d'aquella freguezia e os caceteiros socegaram.

Mais: as eleições de 1885 fizeram-se com a tropa a cercar as urnas mesmo durante a votação. Quer mais sangue e mais violencias, sr. Aralla?

Se quer diga que nós responderemos com factos que são do dominio do publico.

Agora responda-nos — quando é que consentiu em que se fizessem umas eleições livres quando contestadas?

Eleições livres hão de ser es-

tas proximas porque o sr. Aralla não dispõe de força alguma.

Ou violentas ou livres o sr. Aralla fica derrotado.

Novidades

Outra epistola — Já tinhamos escripto os artigos que publicamos em outra secção, quando nos appareceu a epistola d'esta semana.

N'esta epistola não adeanta coisa alguma — nem nos accusa a nós, nem se defende a elle. Limita-se a cantar os seus louvores e impar de grande, como se estivesse nos seus tempos aureos.

Toda a correspondencia se synthetisa n'estas palavras:

"*Crucifige, crucifige*, conclama a turba esfaimada, e o dr. Aralla, levantando serenamente a fronte, fal-os rociar espovori-dos."

Mas a quem é que o sr. Aralla faz recuar?

A nós que andamos sempre por essas ruas no goso da mais ampla liberdade, que percorremos as freguezias porta por porta a pedir votos, que o discutimos á nossa vontade — emquanto o sr. Aralla se embaiuca no Matto Grosso, que só apparece n'uma freguezia desde que o acompanhe o sr. Administrador e depois de intimados todos os cabos de policia, para lhes guardar as costas?

Levantar a cabeça?! Pois o sr. Aralla é lá capaz de levantar a cabeça deante de quem quer que seja?

E' que o seu passado é de tal ordem, tem tantas responsabilidades que a cada momento receia que lhe surja em frente o *Manel o Leal, e Phares*.

Nem mesmo d'antes elle levantava a cabeça, limitava-se a bater o pé no soalho quando não receiava que outros lhe reportassem.

O sr. Aralla não pode ter a fronte serena porque... a seu tempo lh'o dizemos.

Diz mais o sr. Aralla que lhe faz opposição a *turba esfaimada*. D'aqui não ha turba esfaimada, ha só gente que trabalha honradamente.

A turba-malta dos empregados publicos está com o sr. Aralla com elle estão os aspirantes aos empregos. Tambem foi a unica gente que ficou. Ora de que lado estão os esfaimados?

Chegada — Chegou a esta villa vindo do Pará o nosso amigo Francisco Duarte onde havia ido ultimar os seus negocios.

O cabo Julio — Ainda aceroa da transferencia do cabo Julio volta o nosso distincto collega "Distrito d'Aveiro", á tela da discussão, citando outros jornaes, que não temos.

Ahi vae tudo quanto apuramos a respeito d'este caso.

Corre que d'uma syndicancia a que a auctaridade administrativa procedeu, se apurou o seguinte:

—Que o cabo Julio todas as vezes que recebia ordens do sr. administrador do concelho dizia, perante os seus subordinados, que "tinha vergonha de obedecer ás ordens d'um creançola", que "se não importava coisa alguma com o administrador", e outras expressões que taes

—Que por vezes, de noite, mettia uma mulher no quartel, fazendo pôr na rua os demais policias.

Não sabemos se tudo isto é verdade, mas as pessoas que foram chamadas a depôr ns auto de investigação não nos parecem suspeitas, nem nos consta que pertençam a qualquer dos grupos politicos da localidade. Por isso, emquanto não houver prova em contrario, essas afirmações ficam de pé.

Quanto á hypothese dos caceteiros progressistas, está posta de lado. Pois nem nos consta que o cabo Julio mantivesse com elles ou com um só d'elles as mais pequenas relações d'amizade.

Na apreciação d'este facto não nos podem accusar de parciaes, porquanto — 1.º não conhecemos pessoalmente o cabo Julio, que sempre nos foi indifferente: 2.º não defendemos o sr. administrador por politica visto que é o nosso ferrenho adversario por ser um *alter ego* do sr. Aralla: — 3.º não defendemos os caceteiros progressistas, porque somos seus adversarios intransigentes.

Mantemos somente a verdade, tal como chega ao nosso conhecimento.

Novo desastre. — O sr. Aralla não dá um passo que não seja um desastre. Parece que anda apostado a mostrar a sua nenhuma força.

Picado por nós e talvez instigado pelo sr. administrador do concelho, fez na segunda-feira uma jornada a Vallega, a uma festa que se realisou em Vald'agua unico logar da freguezia em que dispõe d'um influente capaz de lhe levar á urna 10 a 12 votos.

Nas vespas mandou o sr. administrador e o sr. Aralla prevenir a sua gente para lá comparecer: e eram 5 horas da tarde quando estes senhores lá appareceram levando na companhia o *amigo* sr. Barbosa de Quadros.

Chegaram e o povo affastou-se d'elles: apenas conseguiram reunir ao seu lado 5 pessoas, apesar de nenhum dos outros grupos alli se ter feito representar por influentes d'Ovar. Debalde o sr. Barbosa de Quadros se dirigia a um e a outro perguntando: — *então não quer vêr o seu amigo?* E o interpellado respondia: *que amigo? O sr. dr. Aralla* — replicava o sr. Barbosa. Então os homens tinham quasi sempre a mesma resposta — *estou encomodado*.

O sr. Barboza de Quadros, no affan de ser prestavel, lá continuava n'aquella via-sacra, até que por fim desanimou. E o sr. Aralla triste, macambuzio, vendo o triste papel que estava desempenhando, retirou-se cabisbaixo do arraial, zangado talvez com a idea do sr. administrador.

Experimentou o sr. Aralla praticamente o que disse na sua correspondencia. Lá dizia: "basta levantar a cabeça para tudo fugir", Effectivamente em Vallega observou-se que o povo fugia do sr. Aralla, mesmo sem elle levantar a cabeça.

Pois ha-de-lhe succeder o mesmo em todas as freguezias, desde que o sr. Aralla lá appareça, embora não peça votos, como em Vallega não pediu.

O regedor interino que accu-

mulava o cargo de feiteiro-mór o unico influente do sr. Aralla, mandou tocar o hymno da carta quando o sr. Aralla se retirou: A musica tocou o hymno. Melhor fóra que tocasse a marcha funebre — era mais apropriada ao caso.

E por esta fórmula o sr. Aralla e o sr. Administrador apanharam mais uma desillusão. E ella foi de tal raça que nem os *pequeni-tos* fallaram mais em tal.

Alguns dos nossos amigos, que lá estavam, disseram-nos que chegaram a ter pena do sr. Aralla tão despreitigiado o viram.

Quando um politico chega a inspirar dó aos seus adversarios, está julgado mesmo antes de ferir qualquer batalha.

Pesca. — N'esta semana correu animador o trabalho da pesca. As companhas foram regularmente felizes, fazendo alguns lanços superiores a 100\$000 reis.

A costa que ha tempos estava má, cavada em barrancos, agora ficou mais ladeira, facilitando o trabalho.

Distribuição de logares. — Na quinta-feira a camara procedeu á distribuição dos logares para a reedificação dos palheiros queimados no ultimo incendio do Furadouro.

Consta-nos que a camara alterou a planta da praia, quanto á largura das ruas e fundos dos palheiros, mas como não podemos bem afirmar isto, deixaremos para, em outra occasião, criticar tal medida.

Emigração. — Continúa no concelho e especialmente na villa, d'um modo assustador, a emigração para o Brazil.

Até aqui era a classe dos lavradores, que fornecia o maior contingente, agora são os fragateiros, em resultado da falta de trabalho em Lisboa.

E' uma crise que se não póde atalhar. Os fallecimentos de que todos os dias chegavam noticias, não param a corrente.

Breve tudo quanto é gente nova desaparecerá da nossa terra. E ahi fica jogado á sorte o futuro de centenas de familias, que viviam remediadas.

Até agora a nossa terra fazia excepção ao resto do paiz: fomos afinal tocados pela dura crise.

Litteratura

O CEGO

I

(Continuado do n.º 272)

Pouco lhe importavam as riquezas, os mil attrativos do mundo: a sua maior riqueza, os seus mil attractivos era ter a sua querida filha perto de si, cosendo ou bordando, a cantarolar emquanto elle se distrahia na leitura de um ou outro jornal. O que deveras o apouquentava era não possuir os meios sufficientes para proporcionar a sua Adelia um viver mais feliz.

—Tão pobre, que nem ao menos posso levar-te ao theatro. Tens pena?

—Illude-se, meu pae. Sou nova, respeito o ar livre. Mereco-lhe a sua estima e devo-lhe a educa-

ção que me mandou dar emquanto pôde. Não sou uma ignorante. Conheço de sobejo a minha sorte e estou conformada. Que mais precioso e desejo? Olhe, meu pae, quer conhecer o auctor de todas as desgraças?

—Quero, sim.

—E' o tempo. E sabe o modo de lhe fugir?

—Falla.

E' problema resolvido...

—Na tua opinião o tempo é um scelerado.

—E', sim, meu pae.

—E como se defende a gente d'esse miseravel?

—Matando-o.

—Com que arma?

—Com a do trabalho.

Palestras, identiciss a esta douravam-lhe a velhice, orgulhoso da intelligencia e fino criterio de sua filha. E ella com as mãos enfiadas nos bolsos do avental de chita, lavado e engomado, pulava e batia as palmas de contente, satisfeita de vêr o pae bem disposto.

Era assim o seu genio. D'uma sensibilidade de pomba, tinha lagrimas para os infelizes, tinha lagrimas para a saudade de sua mãe e tinha lagrimas para a propria alegria.

—Que grande coração para amar! que optima dona de casa! que esposa exemplar! que ideal mãe de filhos!—pensava as vezes o bom velho; e no fim de contas repugnava-lhe, irritava-lhe os nervos pensar em tal. Um egoista no seu amor de pae.

E se lh'a levassem? E se não a tratassem bem?

—Oh!... Se um infame se atrevesse!... Matal-o-hia! matal-o-hia.

E de noite, se conseguia conciliar o somno, terriveis pesadelos o assaltavam ou accordava em agitados sobresaltos. Ultimamente, abalavam-n'o uma especie de ataques de mau character. Envidrava-se-lhe a vista, chrispavam-se-lhe os dedos, rangiam-lhe os dentes cerrados; vergando em seguida, como gladiador vencido, sob o peso d'um estado morbido, entorpecido, hypnotico. Era a monomania de que alguém podesse abusar de sua filha.

Adelia andava desassocegada de espirito, inqueita, receiosa de ver perturbada a razão de seu pae, que principiava de lhes inspirar serios cuidados. Prodigalissava-lhe mimos e desvelos com fervor e vehemente zelo, a ponto de alcançar trazel-o distraído. Lia-lhe em voz alta, contava-lhe novellas e saia ás tardes, pelo braço d'elle, a passeio.

Foi n'uma d'essas tardes, impressionado com um importuno, teimoso de seguir o andar distincto de Adelia, então desabrochada em toda a sua resplandecente belleza, tendo impresso no rosto de anjo raphaelesco um ar de duqueza castellã, que elle, coitado, foi victima d'um ataque mais forte, cahindo na rua, em demorada syncope.

Accommodado em uma maca e acompanhado de sua filha, lavada em lagrimas, recolheu ao hospital.

II

Junto do leito do velho allucinado, em outro leito, um rapaz novo soffria a angustia da cegueira, desesperando os medicos da sua cura.

Frequentava um laboratorio

químico. Um dia fizera uma experiencia. Introduzio um carvão em iguição n'um frasco de oxigenio. Ouvio-se um grande estampido. Frascos de outros productos inflammaveis rebentaram tambem, e o rapaz cegou.

Pobre, sem ninguem o na idade em que se morre para viver, isto é, com o fogo sagrado que arde refulgente na pyra da juventude, mundo de esperanças e amor, não tinha ao menos quem uma lagrima lhe enxogasse.

Vinte annos infelizes que correram como se a vida d'elle se prendesse á vela do moinho da desgraça, despedaçando-se no gyro tudo quanto lhe era de mais caro.

Recordava-se agora perfeitamente do tempo da sua infancia, no tempo em que o apertavam os desvelos de sua santa mãe de ver passar pela estrada um tremulo velhinho, dedilhando uma viola e elle, creança que era, balbuciar innocentemente;

—Olhe, mão, o pobrezinho não vê, é cego, não pôde vêr a esmola.

(Continúa.)

CORRESPONDENCIA

Vallega 27 de julho de 1892

Como é bello passear por esses campos verdejantes? Encontram-se excellentes milheirões, magnificos pomares e boas carreiras carregadas de abundantes cachos.

Aqui e alli o chilrear dos passarinhos, as melodias dos rouxinões mettidos n'um denso silvado, é para mim um entretenimento agradabilissimo, o melhor para curar as paixões que me atormentam.

Depois de ter passeado os caminhos mais solitarios e os campos mais viçosos, procuro sentarme junto d'este ou d'aquelle regato para ali pensar melhor. Mas pensar em que? Se procuro entreter o publico não tenho assumptos que lhe possam prender a attenção, porque no estado critico em que se encontra esta pobre freguezia é difficil satisfazer a todos. Acho-me incapaz para arrotar contra tantos inconvenientes, e por isso tambem sujeito á critica dos leitores. Mas como nunca escrevi para entreter o publico, estou plenamente convencido de que os leitores me desculparão qualquer falta porque sou principiante e não estou habituado a escrever para jornaes tão conceituados como é o "Povo d'Ovar", que ultimamente se tem tornado um dos mais valentes defensores do nosso concelho.

Avante, pois, e mãos á obra. Nunca desanimar na senda do progresso.

Para não ficar só com estas linhas procuro dizer mais alguma coisa não só para d'esta vez ficar agradado mas para a outra ser melhor acolhido pelos leitores.

Como na segunda-feira emprehendesse um passeio sahi de casa logo de manhã cedo e encontrando-me com um meu compadre elle perguntou-me: como te levantas-te tão cedo compadre? Respondi-lhe: olha ha occasiões de tudo; umas vezes levanto-me mais cedo para trabalhar e outras durmo o somno da manhã; e como hoje não tinha muito que fazer

procurei divertir o espirito para depois pensar melhor. Depois de algumas horas de conversa o compadre sempre me disse coisas a respeito dos regedores cá da terra!... que foi uma pouca vergonha! e até determinamos um dia para irmos passear, pois ainda me quer contar mais cousas... etc. e tal. Não pensemos leitores que isto é historia, porque para primeira vez que volte a rabis-car qualquer cousa verão que lhe contarei o bom e o bonito a respeito dos regedores e da politica arrallistica. Pobres diabos, já ninguem faz caso d'elles! Perdidos, completamente perdidos.

—Na segunda-feira, teve lugar a festividade de Nossa Senhora das Dores na sua capella no logar de Valdagua. De vespora muzica, foguetorio até altas horas da noite. No dia missa solemne a grande instrumental pela nova philharmonica d'Avanca. Ao Evangelho subiu ao pulpito o nosso distincto amigo P.º Domingos José dos Reis Junior, que mais uma vez mostrou ao publico os seus grandes dotes oratorios. Não nos admira o bello sermão d'aquelle sacerdote porque é o modelo dos ecclesiasticos e possuidor de um grande talento. Parabens pois. De tarde houve arraial, musica, foguetorio e muito brodio.

Appareceu lá no arraial acompanhado pelo sr. administrador do concelho e Barboza de Quadros o sr. Aralla.

Foi talvez isto o que despertou mais a curiosidade dos forasteiros, pois todos julgavam ser alguma pavoroza. Mas qual diabo? aquella gente foi visitar o novo regedor e dar-lhe as instrucções necessarias para melhor perder as eleições. É para notar que o sr. Aralla não convidasse para o acompanhar. Emfim cousas e loisas.

Até á primeira.

Zás-tráz.

CHRONICA

As manhãs d'estio são ordinariamente agradaveis, para quem, como eu, ao romper d'alva sae de casa e se dirige para os campos a aspirar as auras puras transcolladas pela ramagem das arvores e refrescadas pelo orvalho das plantas; e a recrear-se distendendo a vista pelo panorama immensamente bello, que apresenta a vegetação.

Os extensos milheirões com a sua côr verde-negro e as suas compridas folhas levemente agitadas pela briza assemelham-se a um enorme lago, em cuja superficie o vento produz pequeninas ondas.

As aves, pipilando nos ramos das arvores, formam com seus trinado melodiosos um harmonioso concerto, que nos delicia o ouvido.

E então a frescura da manhã completa este quadro de bellezas, em que eu me enlevo quotidianamente.

Em uma das manhãs d'esta semana sahi, como costume, de casa, quando os primeiros clarões annunciavam que o sol estava prestes a abandonar o outro emispherio, para vir alumiar-nos com a sua luz diamantina.

Caminhei ao acaso por uma rua por onde, depois de ter an-

gado bastante, fui dar a uns campos agricultados. Sentei-me ali para descansar, pois que, apesar de ter ido devagar, havia já percorrido uma grande distancia.

Abstrahi-me na contemplação do quadro magestoso que a natureza me apresentava á vista, e só passada uma boa meia hora é que me dispunha a levantar-me para me retirar. Porém, qual não foi o meu espanto, ao ver que umas nuvens densas e calliginosas pairavam por sobre a minha cabeça, ameaçando encharcar-me em agua?!

Quiz fugir; mas para onde?.. O sitio era deshabitado e a chuva principiava já a cair, não podendo dar-me tempo de chegar a qualquer casa onde me abrigasse, porque todas ficavam longe!! Que fazer?

Apanhar a chuva e resignar-me.

Foi o que eu fiz, por não ter outro remedio.

Encostado a uma arvore, vi cair aquella batega d'agua sobre os milheirões e infelizmente sobre mim tambem.

Logo que a chuva cessou de cair, dirigi-me a casa; mas em que estado!!

A minha roupa tinha o tripulo do seu pezo real!

No caminho uns lavradores diziam: "Esta chuvinha faz muito bem; havia de ser mais."

Eu estive para protestar, porque a chuva não me havia feito bem nenhum. e. se fosse mais, peor me fazia. Porem callei-me, por reconhecer que os homens queriam dizer que a chuva fazia bem aos campos.

Cheguei a casa e senti-me logo rouco. Havia-me feito mal a chuva.

E hoje estou doente, mal podendo escrever a chronica.

Se os meus padecimentos se agravarem, diz o medico, que posso morrer. Santo Deus! esta ideia aterrorisa-me!

Mas, como não ha remedio para a morte, o remedio é *mar-char*.

Por isso, queridas leitoras, se ouvires dizer que eu morri, não vos surprehendas e roga a Deus pelo meu eterno descanso.

Depois tentes a menos a massada de me lerdes todas as semanas.

*

O Jayme na sua ultima chronica, depois de um extenso e inqualificavel aranzel, diz que tambem morre (ou morren) exprimindo-se d'esta fórma: (*morri em vida, não sou o primeiro*).

Com franqueza, não sei o que elle quer dizer n'aquella phrase. Que morreu em vida! Pois já alguém morren em morte??!

E' uma phrase tão *philosophica*, que só um (alem do Jayme) a poderá comprehender.

Eu não, porque *não tenho competencia para apreciar os seus escriptos*.

Visto que me referi ao Jayme, o que os leitores hão de perdoarme, cabe aqui o dizer-lhe que, com respeito a *modestia*, o collega pertence ao numero dos "que vêem o argueiro nos olhos dos outros, sem vêrem a tranca nos seus."

E' com isto, meu Jayme, peço-te que me *franquies* (!) a porta para sahir, porque estou com muito *somno no estomago* (!).

Até á semana, pois disse-me agora o medico que já estou li-

vre de perigo. Talvez o lér a *Folha* e o escrever a chronica me fizessem bem. Ou seria um remedio de *casca* de... sabugueiro?

Luiz Arauto.

ANNUNCIOS JUDICIAES

EDITOS

(2.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito da comarca d'Ovar e cartorio do Escrivão Coelho, correm editos de 50 dias, a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando João Bernardino Tavares, solteiro, ausente no Pará, Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de seu pae Manoel Pereira Valente de Rezende, que foi da Rua Nova, de Vallega; e editos de 30 dias, citando os credores e legatarios desconhecidos para deduzirem os seus direitos no mesmo inventario.

Ovar 16 de Juho de 1892.

Verifiquei
O Juiz de Direito,
Salgado e Carneiro

O Escrivão,
João Ferreira Coelho.
(152)

Annuncios

PRAIA DO FURADOURO

(OVAR)

HOTEL DO FURADOURO

Este acreditado hotel abre no dia 8 d'agosto. Excelente tratamento, commodidade, acoio. Preços 600, 800, 900, 1500 e 15200 reis; familias, prego convencional. Cozinha á portugueza por pessoal habilitadissimo.

Banhos quentes e frios d'agua salgada.

Café e bilhares, completo sortido de bebidas nacionaes e estrangeiras.

O proprietario,
Silva Cerveira.

(Ha carros a todos os comboios, na estação d'Ovar.)

VENDA DE CASA

Vende-se uma casa alta com armazem, sita na rua de S. Bartholomeu pertencente a Antonio Pinco.

OVAR

MARÇANO

Precisa-se d'um marçano habilitado para uma loja de mercearia.

Ordernado o que se combinar.

Carta a esta redacção.

LÉON TAXIL

OS MYSTERIOS

DA

FRANC-MAÇONARIA

VERSÃO PORTUGUEZA DO

P.^o FRANCISCO CORREIA PORTOCARRIBEIROCom uma dedicatória
do auctor a sua magestade

A RAINHA D. AMELIA

Com autoriseção do em.^{mo} e rev.^{mo} sr.

CARDEAL D. AMERICO

BISPO DO PORTO

Obra que merecen um breve
de S. Santidade Leão XIII, animando-o,
e abençoando-o, e que foi louvado
pelos ex.^{mos} e rev.^{mos} srs.Arcebispo de Paris, Arcebispo
de Rennes, Bispo de Montpel-
lier, Bispo de Coutances, Bispo
de Seez, Arcebispo de Gran, Ar-
cebispo de Turim, Bispo de Sois-
sons, Arcebispo de Colocza, Ar-
cebispo de Auch, Arcebispo de
Nápoles, Bispo de Rodez, Bispo
de Bayeux, Arcebispo de Cham-
bery, Bispo de Bannes, Bispo de
Marselha, Arcebispo d'Aix.A obra constará de dous volu-
mes distribuida em fasciculos
de 32 paginas de texto com qua-
tro ou mais gravuras. Preço de
cada fasciculo 100 réis, pagos no
acto da entrega; para as provin-
cias é franco de porte. Os assig-
nantes da provincia pagarão de
cinco em cinco fasciculos, envian-
do-se-lhes n'essa occasião o com-
petente recibo. Concluida a pu-
blicação será elevado o preço.Distribuir-se-hão tres fascicu-
los por mez. Todas as pessoas
que angariarem dez assignaturas
e se responsabilisarem pelo seu
pagamento, receberão um exem-
plar gratis.Aceitam-se correspondentes
nas terras onde os não ha; a
commissão é de 20 p. c., garan-
tindo mais de cinco assignaturas.Assigna-se em todas as livra-
rias do reino e em casa do edi-
tor Antonio Dourado, rua dos
Martyres da Liberdade, 113—
Porto, a quem deve ser dirigida
toda a correspondencia.

BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES

100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 480 PAGINAS

Os romances, mesmo os maio-
res, nunca excederão o preço de
400 ou 500 réis, como por exem-
plo o celebre romance OS MYST-
TERIOS DE PARIS, (5 volu-
mes) que nos propomos publicar
mais tarde, e que apenas custará
CINCO TOSTOES!!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Risler Senior

POR

ALFONSE DAUDET

UM TIRO DE REWOLVER

POR

JULIO MARY

A este seguir-se-hão—O Cas-
tello da Raiva de L. Stapleau—
Um drama de revolução de Er-
nesto Daudet Mont Oriot, de
Guy de Maupassant.—O grande
industrial e Sergio Panine de
George Ohnet.—Clotilde de Al-
phonse Karr.—Sapho de A. Dau-
det.

CONDIÇÕES DAS ASSIGNATURA

Lisboa e Porto, cada volume
pago no acto da entrega 100
réis.Provincias, ilhas e ultramar,
cada volume, franco de porte
120 réis. Pagamento adiantado.Assigna-se em Lisboa no es-
criptorio da Empreza da BI-
BLIOTECA ECONOMICA, T.
da Queimada, 35.

EPICURIO SYNOPTICO

DA

LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

POR

J. GARCIA DE LIMA

Cada fasciculo em formato
grande, bom typo e bom papel
100 réis; pelo correio 105 réis.
Requisições á Empreza Editora
—LETRAS E LEIS.A cobrança é feita por séries
de seis fasciculos.—Beco da Amo-
reira, 9, 3.^oNo prélo:—Dicionario de Ju-
risprudencia e Legislação Portu-
gueza. Preço do fasciculo 100 réis;
pelo correio 105 réis, pedidos á
empreza editora—LETRAS E
LEIS.

OS BURROS

OU

O REINADO DA SANDICE

Poema heroico-comico, satyrico,
em seis cantos, reproduzido
in-extenso com todas as liber-
dades do original.

Preço, br . . . 300 réis.

Pelo correio franco de porte
quem enviar a sua importancia em
estampilhas ou vale do correio.A' Livraria—Cruz Coutinho
—Editora. Rua dos Caldeireiros,
18 e 20—Porto.

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.^a
26, Rua do Marechal Saldanha
26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

OS

Companheiros do punhal

PR

L. STPLEAUX

Romance dramatico da maior sensação
ILLUSTRADOPor semana uma caderneta ao
preço de 60 réis.Publicada a 1.^a caderneta e
á venda n'esta localidade e nos
escritorios da Empreza editora,
1, rua de D. Pedro V, 3 e 5,
Lisboa, onde se dirigirão os pe-
didos.

O BARATEIRO

LOJA DE FAZENDAS

DE

ARNALDO A. DA SILVA MOURA

PRAÇA D'OVAR

Faz lembrar a todos os seus
amigos e freguezes, bem como ao
respeitavel publico, qua tem no
seu estabelecimento um lindo e
variado sortimento de fazendas
de todas as qualidades, das quaes
menciona:Flanellas d'algodão, cheviotes
pannos familias e domesticos, chi-
tas pretas, brancas e de côr, ris-
cados, zophires, lenços de varias
qualidades, chailes pretos e de
côr, nacionaes e estrangeiros, me-
rinos de pura lã, castorinas as
mais modernas, picotillos, caso-
miras pretas e de côr tanto naci-
onaes como estrangeiras, camiso-
las de malha de lã e de algodão
tanto para homem como para sen-
hora, botões de phantasia pretos
e de côr, guarnições de seda e lã,
bem como muitos outros objectos
existentes na sua loja, que é im-
possivel annunciar.Tambem faz publico que no
seu estabelecimento vende fato fei-
to, tanto para homem como para
creanças, comprehendendo calça,
collete e casaco de varias quali-
dades e boa casemira, bem como
se encarrega de qualquer peça
d'obra que lhe encomendem.Vende tudo por preços sem
competidor. Portanto meus ami-
gos e freguezes, é aproveitar
antes que venham os nossos direi-
tos d'Alfandega porque depois
tudo sobe.

A ESTACÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS
PARA AS FAMILIASPublicou-se o n.^o
de 1 de JulhoPreços: 1 anno réis
4\$000—6 mezes 2\$100
rs.—Numero av lso rs.
200.LIVRARIA CHARDRON, LU-
GAN & GENELOUX, SUC-
CESSORES—PORTO.

MAUXICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA
ARTES E OFFICIOSVariadas e curiosas recei-
tas e processos de physica e
chimica pratica sobre artes,
Economia domestica, Photo-
graphia, etc.

BECREACÕES SCIENTIFICAS

Surprehendentes sortes e
experiencias, Cryptographia,
methodos para corresponden-
cias secretas, 27 gravuras ex-
plicativas.A' venda em todas as li-
vrarias.

Preço..... 400 réis

« 420 «

Deposito—Livraria Portu-
gueza, Loyos, 56—Porto.Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco,
Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros
portos do BrazilVendem-se passagens a preços **muito reduzidos** pa-
ra todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos
acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulhe-
res e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compro-
missos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer
trabalho e residirem onde quizer.Vendem-se tambem a preços commodos passagens para
os diversos portos da Africa Portuguesa, Occidental e Orien-
tal.Preparam-se todos os documentos necessarios e aprom-
ptam-se gratuitamente.Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assigna-
dos. agentes das companhias se lhes dirijam para obter
qualquer passagem.Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Africa Portuguesa

CARREIRA DE MAGNIFICOS PAQUETES DE
COMPANHIAS PORTUGUEZAS PARA A AFRICA
OCCIDENTAL E ORIENTALPreços resumidos muito inferiores ás tabellas das ou-
tras agencias: para S. Thomé 34\$000 réis; Ambriz e Loanda
38\$000 réis; Benguella 142\$000 réis; Mossamedes 46\$000 réis.

BRAZIL

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Rio
Grande do Sul, e mais portos, e pelos paquetes das Compa-
nhias Mala Real Portuguesa, Méssageries Maritimes, Mala
Imperial Allemã, Pacifico e Chargéurs Reunis, vende-se pas-
sagens por preços muito reduzidos. Preço minimo em 3.^a
classe 27\$000 réis.Pelos paquetes das mesmas Companhias, tambem se
concedem passagens GRATUITAS a familias de artistas, tra-
balhadores e lavradores; homens com mulher e filhos, netos
ou enteados, mulher casada, com seus filhos ou netos, pae
com um ou mais filhos ou netos, avó ou avó com seus des-
cendentes, homens casados ou solteiros e mulheres casadas
ou solteiras, com tanto que sejam validos e queiram ir em-
pregar-se LIVREMENTE, nos trabalhos que mais lhes con-
venha, em diferentes provincias do BRAZIL, os quaes tem
á sua chegada ao Rio de Janeiro, hospedagem GRATIS du-
rante 8 dias, e transporte tambem GRATIS para qualquer
terra para onde perfiram ir viver.Passagens em todas as condições e negocio tratado
com seriedade.Para esclarecimentos e contracto, dirigir unicamente em
—Ovar, Antonio Conceição, praça e rua dos Campos e em
Aveiro, Manoel J. Soares dos Reis, rua dos Mercadores, 23

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance tadzido da nova edição
coecta e augmentada pelo
auctoSairá em cadernetas semanaes
de 4 folhas e estampa 50 réis.EDITORES BELEM & C.^a

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO

Major de Infantaria

e ex-professor do Lyceu Central do

Porto

—

PORTO

Magalhães & Moniz—Dditores

CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

DE

MOLESTIAS DE SENHORAS
E CREANÇAS

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmiento

e

Amelia de Moraes Sarmiento

CONSULTAS

Das 11 horas da manhã ás 3 da tarde
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

759, RUA DO ALMADA, 759,

PORTO